

REFLEXÕES SOBRE A DISLEXIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Adriana Floriano da Silva¹
Jaqueline da Penha Lelis²
Renata Aparecida Valeriano³
Maruza Brasil Boone⁴

RESUMO

A dislexia é uma dificuldade que algumas crianças apresentam durante o processo de aquisição da linguagem escrita sistematizada. O objetivo deste trabalho consiste em apresentar informações que esclareçam a real situação do aluno dislexo e, como ele se apresenta como deve ser tratado para um melhor desenvolvimento do seu processo de aquisição da escrita. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica com os autores Condemarin (1987), Massi (2007) e Martins (2002) entre outros. Buscamos dirigir nosso olhar para os entraves que são enfrentados para efetivação de uma sociedade inclusiva, sobretudo o preconceito, a falta de informação, bem como a ausência de formação dos profissionais que têm contato direto com aluno. Os resultados apontam que é preciso buscar informações sobre o assunto para alcançar o correto diagnóstico e tratamento, minimizando assim, os impactos emocionais e comportamentais para a criança e, que o processo de diagnóstico e intervenção deve ser realizado por uma equipe interdisciplinar, dentre eles o fonoaudiólogo e pedagogo por seu conhecimento na área de linguagem oral, leitura/escrita.

Palavras-chave: Dislexia. Dificuldade. Aprendizagem. Preconceito. Exclusão.

ABSTRACT

Dyslexia is a difficulty that some children present during the process of acquisition of systematized written language. The objective of this work is to present information that clarifies the real situation of the student and how it is presented how it should be treated for a better development of its process of acquisition of writing. For this, we carried out a bibliographical research with the authors Condemarin (1987), Massi (2007) and Martins (2002) among others. We seek to direct our attention to the barriers that are faced to the realization of an inclusive society, especially prejudice, lack of information, as well as the absence of training of professionals who have direct contact with students. The results point out that it is necessary to seek information on the subject to achieve the correct diagnosis and treatment, thus minimizing the emotional and behavioral impacts for the child, and that the diagnosis and intervention process should be performed by an interdisciplinary team, among them the Speech therapist and pedagogue for his knowledge in the area of oral language, reading / writing.

Keywords: Dyslexia. Difficulty. Learning. Preconception. Exclusion.

¹ Discente da Faculdade Multivix – Cariacica – Graduanda do curso de Pedagogia

² Discente da Faculdade Multivix – Cariacica – Graduanda do curso de Pedagogia

³ Discente da Faculdade Multivix – Cariacica – Graduanda do curso de Pedagogia

⁴ Docente na Faculdade Multivix – Cariacica – Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

INTRODUÇÃO

A dislexia é responsável pelas dificuldades no aprendizado de leitura e da escrita, de crianças, sobretudo nas séries iniciais. Existem muitas “teorias achologistas” sobre a dislexia; alguns acabam por permear este problema, comum por sua frequência, com mitos que não possuem qualquer fundamento científico. Neste artigo pretendemos abordar o assunto buscando informações com base em estudos e pesquisas consistentes tratando-se de um problema comum nos âmbitos escolares de Ensino Fundamental I e II, permeado de mitos que são tidos como verdades infundadas, devendo ser analisados com base em teorias e estudos científicos. Assim, tem-se como objetivo geral o seguinte ponto:

- Desmistificar o problema da dislexia, apontando informações com base em estudos científicos e teóricos sobre o assunto.

Coloca-se como objetivo específico da pesquisa o seguinte ponto:

- Identificar a dislexia e as formas de trabalho com o disléxico.

É necessário ter uma visão crítica e real, embasada em conhecimentos científicos para responder a esse senso comum que existe por detrás da dislexia.

Por esse motivo, é de extrema importância que se faça um estudo sobre os mitos e as verdades da dislexia, mostrando como as mentiras atrapalham o professor a ajudar o seu aluno, e como o conhecimento das verdades acerca do assunto torna o trabalho mais fácil e satisfatório para todos: professor, pais e alunos disléxicos.

O termo Dislexia, segundo Pileti (1998), é aplicável a uma situação quando, a criança é impossibilitada a ler com a mesma facilidade, que leem as crianças da mesma faixa etária, mesmo que possua uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada.

Assim, o problema analisado nesta pesquisa são reflexões que o professor de Ensino Fundamental deve fazer relação aos alunos disléxicos de forma a orientar seu desenvolvimento de forma positiva nas instituições de ensino.

É necessário, também, que se saiba que os mitos levantados são comuns em qualquer problema que se tenha, quer seja pedagógico, de saúde, ou outros, mas

que é importante que sejam desmistificados para que o trabalho flua de forma a sanar a dificuldade do ser em questão, e não aumentando os tabus em torno dele para deixá-lo cada vez mais constrangido em sua situação.

1. CONCEITO: DISLEXIA

Algumas crianças, ao chegarem ao processo de aquisição da linguagem escrita de forma sistemática, apresentam algumas dificuldades, dificuldades essas que as impedem de chegar à fase da escrita condizente com a norma culta. Esta dificuldade muitas vezes, está ligada a diversos fatores, desde emocionais, até disfunções de escrita.

Analisando os aspectos de disfunção da escrita tem-se a dislexia, uma das geradoras dessa dificuldade de aquisição da escrita convencional. Para tanto, é necessário que o professor, não somente das séries iniciais, mas de todas as demais séries do Ensino Fundamental, tenha conhecimento do que vem a ser dislexia, evitando assim “erros” quanto ao ensino da linguagem escrita de seus alunos.

A dislexia é considerada uma preocupação social grave que se tem preocupado pais, educadores, psicólogos e médicos. Esse problema tem resultado, a nível mundial, a procura de processos capazes de superar essa situação. Essa procura tem-se conduzido a magros resultados, nas últimas décadas. Os resultados pouco satisfatórios, até então obtidos, é de supor que resultem de uma abordagem incompleta do problema dislexia. (SERRANO, 2000).

O autor observa que o comportamento de crianças disléxicas mostra que elas possuem perturbações que ultrapassam, em larga escala, a simples função da leitura. Podemos ver que a forma de diagnóstico da dislexia ainda é bastante precária, visto que o próprio professor é que acaba por fazer este primeiro diagnóstico ao perceber que a criança apresenta problema de leitura. Após, é normal que se tenha acompanhamento médico, para tratamento, mas o professor deve saber como acompanhar esta criança para não deixá-la cair no ridículo em suas dificuldades.

O estudo do seu sistema proprioceptivo⁵ tem mostrado mudanças profundas que não parecem assemelham ser independentes das perturbações disléxicas. O tratamento dessas perturbações proprioceptivas mostra, também, uma modificação altamente positiva no que se refere à aprendizagem da leitura e escrita. Com isso, é necessário que se entenda o processo do dislético, para que haja uma atividade consciente com o intuito de ajudar este aluno a superar o problema. Com base nesses pressupostos, este artigo tem a função de comentar os mitos e mostrar as verdades sobre este problema que atinge muitas crianças brasileiras, e de todo o mundo.

Dessa forma, as hipóteses que pretendemos provar são as seguintes:

- A dislexia apresenta mitos embasados no senso comum de professores e pais que dificultam o trabalho real sobre o problema;
- O assunto dislexia apresenta verdades embasadas em teorias e pesquisas científicas que colaboram positivamente para o tratamento dos disléticos.

Para fazer essa pesquisa e entenda de forma clara, é necessário que tenha em vista bem definido o que vem a ser dislexia: Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) a definição utilizada é a de 1994 da InternationalDyslexiaAssociation (IDA) “ A dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem caracterizado na dificuldade de decodificação das palavras simples, mostrando uma insuficiência no processamento fonológico”.

1.1. FATORES QUE INFLUENCIAM A DISLEXIA NO ÂMBITO ESCOLAR

O diagnóstico consiste na análise clínica, geralmente por equipe multidisciplinar (psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, etc.). A síndrome geralmente é detectada na infância e se não houver passado pelo processo de alfabetização o diagnóstico será apenas de uma "criança de risco". O papel do professor é muito importante, especialmente na fase de alfabetização. Quanto mais cedo for realizado o diagnóstico melhor para os pais, a escola e a própria criança. Quando os professores se depararam com crianças inteligentes, saudáveis, mas com

⁵ Proprioceptivo: é o termo utilizado para nomear a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais.

dificuldade de ler e entender o que lê, devem investigar imediatamente se há existência de casos de dislexia na família. A história pessoal de um disléxico, geralmente, traz traços comuns como o atraso na aquisição da linguagem, atrasos na locomoção e problemas de dominância lateral. Os dados históricos de dificuldades na família e na escola são de grande utilidade para profissionais como psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos que atuam no processo de reeducação linguística das crianças disléxicas.

Para Martins (2002), aborda três particularidades da dislexia, que influenciam na formação de bons leitores, sendo eles; fonológicos; memoriais; perceptivos, relacionado aos alunos dislexo, nas serres iniciais do ensino fundamental de aprendizagem da leitura e escrita.

Alguns investigadores apontam a psicolinguísticas no âmbito escolar, com problemáticas relacionadas a compreensão das unidades gramaticais, que envolvem as múltiplas facetas da linguística de significados para os alunos dislexo.

Conseqüentemente o processo articulatório, relativos a leitura e escrita, refletem diretamente á compreensão da fonética para o desenvolvimento do ensino na função e formação de palavras.

Partindo desse pressuposto a rota educacional os alunos dislexo no âmbito escolar, se submetem a diversos fatores contribuintes para o fracasso escolar, aos alunos com dificuldades para decodificar palavras desconhecidos, erros ortográficos, da língua escrita.

Mabel Condemari (1987) destaca o desenvolvimento nas fases de aprendizagem, a dislexia tem enumeras formas para os níveis de atuação, quanto às práticas docentes em sala de aula em suas respectivas matérias.

Conclui qualificar os profissionais da educação para áreas de atuações específicas, por meio de formação, apoios pedagógicos que saibam diferenciar as ramificações fonológicas aplicadas à linguística, metalinguística, nos processam que envolvem leitura e escrita.

O psicólogo Garcia (1989) menciona a dislexia com fatores pertinentes a crianças na idade regular, com riscos eminentes, para o fracasso escolar devido a habilidades bloqueadas pelo distúrbio da leitura e escrita, do ensino infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

No ponto de vista escolar, observam-se tais dificuldades podem estar associadas a crianças ditas normais, assim a exclusão das crianças de deficiências mentais.

Condemarin (1989) afirma a dificuldade da aprendizagem, associados à linguagem escrita, leitura, ortografia inicial ou final, ligados a neurolíngua diagnosticada pelo professor regente da sala, mediante a leitura, seleciona os movimentos repetitivos, sons, observando os gestos tensos e repetitivos.

Reconhecer os sintomas é o primeiro passo para poupar o disléxico de anos de dificuldades, e até mesmo do desinteresse pela escola. Hoje, com tratamentos pedagógicos, psicomotores e acompanhamento escolar, uma criança com dislexia pode chegar à faculdade sem problema, mesmo que mais lentamente.

1.2. DESMISTIFICANDO A DISLEXIA

As causas da dislexia não são claras, mas os resultados são bastante visíveis para as crianças que a enfrentam todos os dias na escola. A sala de aula se transforma em um pesadelo e as provas, em obstáculos intransponíveis.

Segundo NAZARÉ (2000) os exercícios lidam, principalmente, com a parte motora e o desenvolvimento da atenção. A criança precisa aprender a diferenciar entre o correto e a forma que ela está escrevendo. Em casos graves a pessoa não vai conseguir aprender nunca a ler. São os chamados cegos verbais – pessoas para as quais uma palavra escrita faz tanto sentido quanto os hieróglifos egípcios. Tais casos, no entanto, são raros. A dislexia atinge 3% a 6% das pessoas.

Mas mesmo as formas mais leves exigem dedicação especial da família. De acordo com NAZARÉ (2000), a pior coisa para um disléxico é a cobrança constante por

melhores resultados, a comparação com outras crianças, e a sensação de que nada que ela faz dá certo.

Os primeiros passos, depois de identificar os sinais da dislexia, é encaminhar a criança para uma avaliação com um profissional fonoaudiólogo. Se a diagnóstico for confirmado, a criança terá que fazer um acompanhamento semanal, além das aulas normais.

O trabalho vai ajudá-lo tanto a se localizar no espaço quanto a segurar o lápis e aprender a diferenciar os sons de letras como **p** e **q**. Até mesmo a autoestima baixa – um dos principais efeitos colaterais do problema – é trabalhada. O tratamento não tem um tempo fixo. Pode levar um ou vários anos, dependendo do grau de dislexia.

O diagnóstico psicopedagógico é um corte que permite observar à dinâmica da modalidade de aprendizagem, sabendo-se que esta tem uma história que vai sendo construída pelo sujeito em interação com o grupo familiar de acordo com suas experiências, e de como elas foram interpretadas por ele e seus pais.

Esses problemas fonológicos expressam-se pela dificuldade, na leitura, para a conservação da escrita, das unidades sonoras para distinguir grafema e fonema, com dificuldades que bloqueiam a aprendizagem correta de leitura e escrita. Essa dificuldade impede a leitura/escrita de palavras familiares correspondentes, as mesmas famílias, podem ser reconhecidas guardadas na memória sem ser decodificadas.

Tais problemas que envolvem o processamento da linguagem, os disléxicos podem apresentar falta de interesse da aprendizagem, resultando baixo desempenho escolar, acarretando dificuldades visuais sutis.

A linguagem fonológica da criança determina a compreensão das práticas de leitura, a variedades de fonéticas que ajudam os disléxicos nas habilidades da escrita leitura. É preciso verificar testes que envolvem consciência fonológica que explique e auxilie o aprendizado da leitura, mediante testes, que avaliem a criança nas

representações de fonemas, rimas, sons, e outros que auxiliem o ensino/aprendizagem.

A principal dificuldade dos disléxicos é o reconhecimento de palavras onde residem na decodificação fonológica. O processo de decodificação de letras padronizados códigos fonológicos, permitem pronúncias de palavras e seus significados.

Em contrapartida os alunos disléxicos são hábeis na compreensão da leitura, com interpretação, compreensão do uso da linguagem decodificada, mais possuem dificuldade no desenvolvimento reconhecimento de palavras equivalentes nas fases silábicas alfabéticas, para a evolução da ortografia, leitura e escrita.

Apesar da opinião prevalecente, relacionado ao desenvolvimento dos alunos dislexo, fundamenta-se no processo da fala, as obras literárias mostram a existência de problemas visuais pertinentes a esses alunos. Observamos problemas visuais e auditivos que se encontram diversas anomalias na parte cerebral da própria genética dos dislexo.

O processo de desenvolvimento da leitura e escrita, para construção dos sistemas fonológicos, para o reconhecimento de palavras no processo lexical, e de tradução, letra-som, dependem de padrões que traduzem sons, letras, para a formação do sistema da escrita de palavras. Observamos variações que refletem a dislexia e a qualidade de cada sistema que envolve morfológicos sintáticos e semânticos.

FRITH; MORTON (2000) busca uma maneira de unificar, o processo da escrita, facilitando as condições atuais da dislexia, usando melhorias nos processos que envolvem as funções de palavras com seus respectivos significados.

Para tais resultados, destacamos as funções linguísticas, que envolvem variados níveis, para os alunos, dislexo, na aquisição da escrita, por meios de padrões impostos em diferentes grupos existenciais no meio escolar. Alguns fatores encontrados em grupos diferenciados de alunos dislexo mediante estudos bibliográficos constataram-se dificuldades distintas de identificação nos processos que envolvem as funções linguísticas, podendo diversificar métodos e ensinamentos diferenciados na compreensão dos significados.

A dislexia é certamente um obstáculo difícil, mas não barreira intransponível. Em primeiro lugar, o importante é que o obstáculo deve ser reconhecido. Escondê-lo ou fingir que não existe não fará com que o problema suma, pelo contrário, só agravará a situação da criança, trazendo-lhe maiores complicações futuras.

Se os pais e os professores compreenderem exatamente quais são as dificuldades que uma criança com dislexia apresenta, eles poderão ser muito úteis, não somente lhes mostrando simpatia e encorajamento, mas, principalmente, buscando uma didática mais adequada.

Um trabalho personalizado com a criança disléxica é muito importante. Acompanhamentos psicopedagógico e/ou psicológico são muito importantes para a criança, pais e professores, já que este tratamento irá ajudar a todos no desenvolvimento da criança. Aos pais, por aceitarem e ajudarem o filho, ao professor por passar a entender o problema e a trabalhar em prol de sua melhoria, e à criança por ser tratada da maneira que deve, ficando mais segura perante seus colegas.

2. ENFRENTANDO POSITIVAMENTE A DISLEXIA EM SALA DE AULA

O trabalho com o disléxico não pode resumir-se a esta ou aquela pessoa, é um trabalho uníssono, conjunto, em que a família, escola e profissional especializado devem agir de forma contundente e com interferências.

Valem lembrar que o disléxico não é uma criança “preguiçosa” ou “anormal” como alguns costumam colocá-la, é apenas uma criança que merece cuidados maiores e que tem toda a capacidade de se desenvolver mais e mais.

Um profissional que se depara com uma criança que apresenta problemas de linguagem escrita não deve taxá-la de disléxica. Em primeiro lugar, deve encarar esta criança de forma a ajuda - lá e não a criar traumas em sua mente. Deve traçar consigo mesmo uma busca cada vez maior de formas de trabalho, partindo ainda para a desmistificação do que vem a ser dislexia, procurando seguir as “pistas” já

colocadas neste trabalho, e procurando ajuda profissional quando se fizer necessário.

A dislexia causa dificuldades de leitura e escrita e, se não for diagnosticada, pode afastar o jovem do sistema escolar (MARIA ANGELA (ABD) 2000, Nova Escola p. 24).

Quando o Professor percebe que está trabalhando com um disléxico em sala de aula deve intensificar o trabalho com a criança.

Deve ainda encará-la como um desafio à sua profissão. Nesses casos, podem-se usar algumas formas de se minimizar o problema.

A primeira refere-se à ajuda dos pais. No caso de se poder contar com os pais, o professor deve entrar em contato e estudar uma forma de trabalhar este aluno em sala de aula e em casa.

A segunda é o caso de não se poder contar com os pais, a mais comum. Quando isto ocorre o professor deve trabalhar mais intensamente com o educando, partindo para o estudo das maneiras de se tratar a dislexia. Nesta situação, o apoio de um profissional é muito importante, e ele deve ser procurado sempre que houver casos de disléxicos.

3. PRECONCEITO: A FACE CRUEL DA EXCLUSÃO

“Na sociedade ninguém é bonzinho. Ao contrário, somos apenas – e isto é o suficiente cidadão responsável pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que seja ou nos pareça ser” (WERNECK, 2000, p.21). Neste trecho a autora crítica a maneira piedosa com a qual o contexto social costuma tratar os deficientes, a bondade que fere com a delicadeza. O livro do qual foi retirado o trecho acima se denomina: ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. E assim fomenta-se a atenção para o fato de que ninguém nunca foi bonzinho numa sociedade exclusiva. Nota-se que a autora utiliza o termo “bonzinho” com a conotação diferente, mas o que se deseja é chamar a atenção para as barreiras que o preconceito coloca para a construção de uma sociedade/educação inclusiva e

ainda a crueldade enfrentada pelas pessoas com necessidades educativas especiais ou com deficiência e as pessoas próximas a eles.

Nesse sentido, pensamos que um bom início de caminho para uma escola inclusiva seria preparar as crianças para receber o “coleguinha diferente”, e mais: preparar os próprios pais dessas crianças, já que, muitas vezes, o preconceito não é da criança, mas sim das informações que ela recebe em casa. Como afirma a autora,

“[...] prevenção da deficiência não necessariamente pressupõe evitar a deficiência, mas sim lidar com ela.”
(Werneck, 2000, p.226).

Sabemos que o processo de exclusão de pessoas com alguma deficiência é milenar, e que a proposta de uma sociedade inclusiva vem na contramão de todo esse processo de exclusão que a humanidade praticou por muitos séculos. Então, porque incluir? A inclusão é uma questão de direitos legais, e de respeito às diferenças. A proposta de uma sociedade inclusiva não é um consenso, a sociedade sempre se habilitou a afastar o diferente com o respaldo da ciência; com isso, foi perpetuando-se o preconceito e a ideia de que o deficiente era incapaz ou que não poderia conviver com os “normais”. Mas esta mesma ciência que ajudou a excluir, também ajudou no processo de inclusão em processo.

No que diz respeito ao âmbito escolar, as afirmações de Pasolini (2008) são bastante elucidativas a esse respeito, quando ele afirma que ainda hoje se tem a ideia de que a pessoa com necessidades educacionais especiais é um indivíduo que não atinge um maior grau de desenvolvimento intelectual.

“A realidade sociocultural excludente, na qual os alunos se encontram em um contexto educacional em que as práticas são homogeneizantes e a referência ao “aluno-padrão” e “modelo” são muito presentes e orientadoras das organizações de ensino, tem se consistido em um grande entrave para a implementação da proposta da inclusão escolar. Outro aspecto a ser considerado é o papel do professor, pois é difícil repensar sobre o que estamos habituados a fazer; além do mais a escola está estruturada para trabalhar com a homogeneidade e nunca com a diversidade”
(PASOLINI, 2008 p.100-104).

Assim, a sociedade precisa se adequar para a inclusão de pessoas com deficiência.

“[...] a inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania. O princípio fundamental da escola ou ensino inclusivo é que todos os alunos, sempre que possível, devem aprender juntos – independentemente de suas dificuldades ou talentos [...]” (FREITAS. 2006 p.167).

4. MITOS DA DISLEXIA

Alguns especialistas citados por Nova Escola (Janeiro/Fevereiro 2008) apresentam alguns mitos em torno da dislexia, vejamos:

4.1. 1º MITO: A DISLEXIA ATRAPALHA A ALFABETIZAÇÃO

Focalizar a expressão da escrita na oralidade, (escrevendo como se fala), trocar tipos de fonética, por exemplo, P e B, juntar palavras e unir letras de forma aleatória são ações normais do processo de alfabetização. Quem sabe como o aluno constrói esse conhecimento considera esses fatos como um avanço em relação a uma etapa anterior, não um erro.

4.2. 2º MITO: O DISLÉXICO NÃO GOSTA DE LER E ESCREVER

A falta de interesse pela leitura e escrita, associa-se as dificuldades de alfabetização. A expectativa de pais e educadores, em relação a aprendizagem e a comparação entre os demais alunos da turma podem criar marcas dificultando ainda mais o aprendizado desse aluno. Não podemos rotular e nem separar em fileiras, grupos de estudos. Alunos bons, esforçados, casos perdidos, o que Massi (2007) chama de aquisição por sentido: “Ao ser carimbado pelo professor e pelos pais, a criança desenvolve uma equivocada noção de si e passa a se ver como incapaz de avançar”. Assim, é natural que perca o interesse pelas atividades ligadas ao que considera ser sua fragilidade. Dessa maneira o aluno desenvolve uma insegurança de si próprio, dificultando seu avanço na aprendizagem.

Além dos distúrbios, físicos, problemas de visão ou audição que podem interferir nessa dificuldade, pais que não tem acesso à leitura, como livros e jornais influenciam diretamente no desempenho de seus filhos.

No Brasil, segundo dados do indicador do Alfabetismo Funcional de 2007, só 28% da população entre 15 e 64 anos é capaz de ler textos longos e fazer relações e interferências. Sendo assim, acredita-se que a dislexia seja responsável. Não pode justificar os entraves do atual sistema de Educação.

4.3. 3º MITO: O DISLÉXICO É MAIS INTELIGENTE E CRIATIVO

O uso de formas singulares de elaboração da linguagem escrita e de contato com o idioma, as crianças ditas disléxicas acabam desenvolvendo estratégias mais criativas de comunicação, interessando-se mais pelas artes e esportes.

O ser humano é único, cheio de fragilidades e tem uma intrincada e singular forma de observar e interagir com o mundo. Ou seja, cada um tem uma sintonia com diferentes linguagens. O psicólogo norte-americano Howard Gardner (1983) comprova essa diversidade. Tanto que ele cunhou a expressão “inteligências múltiplas”, ou seja, não há “uma” inteligência a ser medida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dislexia não é uma exceção, está presente e amedronta a muitos professores. Muitas vezes, a maioria possui um aluno disléxico a quem teimam em julgar como “preguiçoso” ou “incapaz”. Não se pode culpar esse docente, pois a sua falta de informação, é que pesa sobre seus ombros; falta de informação é que o faz agir dessa forma.

Com a realização deste estudo, percebemos a importância de conhecer a dislexia, suas manifestações e o correto tratamento e intervenções que deve contar com a participação de uma equipe multidisciplinar, tanto da área da saúde quanto da educação.

Para que a criança disléxica seja atendida precocemente e que os impactos emocionais e comportamentais sejam evitados é de competência de todos conhecerem os distúrbios de leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>
Acesso em: 12/06/2017.
- ANGELA, Maria. **O distúrbio das letras**. Revista nova escola, p. 24. Ed. SET/2000.
- CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: ARTMED, 1987.
- FRITH, U. Landeri, K. e MORTON, C. **Dislexia e influência verbal. 2000**
- GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- MARTINS, Vicente. **Linguística Aplicada às dificuldades de aprendizagem relacionadas com a linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia**. São Paulo: Olho D'água. 2002
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências**. Porto Alegre: ARTMED, 1994.
- MASSI, Giselli. **Dislexia em questão**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.
- NAZARÉ, Selma. **Pais devem estar atentos à dislexia. 2000**.
- PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. ed. 11^o. São Paulo: ÁTICA, 1988.
- RIBENBOIM, Marise. **Psicopedagoga de São Paulo**.
- SAVWITZ, Sally. **Neurologista da Universidade de Yale**. Estados Unidos.
- SHAYWITZ, Sally . **Overcome Dyslexia** - Alfred A. Knopf. New York: Hardcover, 2004.
- WERNECK, Cláudia - **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.
- PINTO, Deca. **Quatro mitos da dislexia**. São Paulo: Revista Nova Escola.ed. FEV/2008. Disponível: <https://novaescola.org.br/conteudo/1344/quatro-mitos-da-dislexia> . data de acesso: 20/jun/2017.
<http://educaja.com.br/2008/05/dislexia.html>.